

ESCATOLOGIA E SOTERIOLOGIA NO PAGANISMO MÍTICO-POIÉTICO E ONTO-TEO-LÓGICO DE EUDORO DE SOUSA*

Fernando BASTOS
Universidade de Brasília (UnB) e
Instituto Superior de Brasília (IESB)

RESUMO

A ontologia mitopoética de Eudoro de Sousa e seu neopaganismo são objeto desse artigo, que aborda a síntese filosófica realizada por esse autor, inscrita na linhagem da fenomenologia e do pensar heideggeriano.

RÉSUMÉ

L'ontologie mythopoétique d'Eudoro de Sousa et son neo-paganisme sont mis en relief par cet article, où la synthèse philosophique qu'il a fait est inscrite dans le courant phénoménologique et dans la pensée inspirée dans l'oeuvre de Heidegger.

I

Desde seus primeiros escritos, Eudoro de Sousa se preocupa com o problemática do mito, colocando-a como tema central de suas indagações filosóficas. Basicamente, os parâmetros de que se serve para sua reflexão sobre o mito, são a filologia, a antropologia e a história. E o escopo dessa mitosofia (ou filomitia) é indubitavelmente o helenismo e o paganismo.

A síntese e sistematização do pensamento de Eudoro de Sousa (e conseqüentemente de sua idéia de mito) se verifica através do que chamamos de “obra programática” e que é constituída por **Horizonte e complementariedade** (1975), ao qual se vincula seu texto “**Sempre o mesmo acerca do**

mesmo” (1978), **Mitologia** (1980) e **História e mito** (1981). Ressalte-se que é toda uma condensação de um pensamento que se efetua num espaço de apenas sete (07) anos.

Paralelo a sua “obra programática”, onde é exposta a temática do “horizonte”, tese por nos desenvolvida no livro **Mito e filosofia**¹, sustentamos que um outro “programa”, essencialmente ligado ao primeiro, também se encontra na antologia **Dioniso em Creta e outros ensaios**², sobre a qual, pelo que é do nosso conhecimento, praticamente até então nada existe a respeito, com exceção do esplêndido artigo do meu condiscípulo eudoriano Ordep Serra, artigo intitulado “À margem do horizonte: um helenista e a antropologia”³.

(*) V COLÓQUIO TOBIAS BARRETO: MITO E CULTURA - Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, Braga e Viana do Castelo - 14 a 18 de setembro de 1998.

Mas é necessário deixar de modo inequívoco e categórico que entre os dois (02) “programas” delineados pelo filósofo luso-brasileiro não há um corte ou uma cisão. Muito pelo contrário, pelo que ratificamos os dizeres do Profo Joaquim Domingues no seu original e elucidativo trabalho sobre o desempenho intelectual de Eudoro de Sousa em Portugal, dizeres registrados na sua comunicação quando deste Colóquio: “Quando hoje constatamos que parte dos capítulos enfaixados naquele volume (i.e., **Dioniso em Creta**), como vários outros textos publicados no Brasil, resultam do reaproveitamento de escritos já saídos em Portugal, temos de admitir a essencial continuidade do seu pensamento, antes e depois do voluntário exílio”⁴.

II

Esta comunicação procura, a partir de uma interpretação estético-hermenêutica, refletir a temática do horizonte com relação ao aspecto escatológico e soteriológico do que denominamos paganismo mítico-poiético e onto-teo-lógico de Eudoro de Sousa.

Heuristicamente, observemos que, enquanto o étimo grego *lógos* enuncia o dizer que é pensado pelo entendimento, ou seja, enuncia o discurso, *mythos* alude também a um dizer, dizer este, porém, que é o dizer de um relato “extra-ordinário” que, ocasionando uma ruptura no tempo “ordinário”, faculta àquele que o profere, *hic et nunc*, retomar um contato intenso (ainda que provisório) com o tempo originário.

Tal contato intenso lhe proporciona a sacralização do tempo e do espaço, da natureza e da própria existência humana, fazendo com que na presença *hoc tempore* da horizontalidade concreta e histórica se instaure exatamente a presença *in illo tempore* da verticalidade mítica das origens.

Mito é, assim, um dizer original ou a palavra que cria ou produz (*poiesis*) a realidade, o que suscita uma atividade mítico-poiética, uma mitopoiese pela qual a ação divina se converte em ontofania e, ao mesmo tempo, em uma teofania perpetrada simbolicamente na existência humana.

Essa mitopoiese, evidencie-se, se articula com aquela estrutura onto-teo-lógica de que fala

Heidegger⁵ e que Eudoro de Sousa concebe como o triângulo simbólico e complementar, constituído por deus, homem e mundo, pela tríade teo-antropo-cosmogônica, identificando-se, no “Além-Horizonte Extremo”, Deus e Ser (o ‘Ultra-Ser’ ou a ‘Excessividade Caótica’) na concepção teogônica do pensador luso-brasileiro⁶.

Para o intento deste nosso trabalho, que é uma busca de um repensar o que designamos neopaganismo mítico-poiético e onto-teo-lógico de Eudoro de Sousa, na ótica do paradoxo da ambigüidade e da complementariedade da “mesmidade” poético-filosófica, atentaremos, numa ambiência preambular, para a tão proclamada temática da vizinhança entre a poesia e a filosofia, preocupação que cuidadosamente perpassa a vigilância do pensar, como observa Martin Heidegger⁷.

Sobre a identidade e a diferença, que compõem a vizinhança dessa “mesmidade” poético-filosófica, pondera Heidegger sobre o fato de que o poeta e o filósofo dizem o mesmo, mas não dizem o igual. Vizinhos separados por montanhas, considera o autor de **Identidade e diferença**, o filósofo diz o Ser e o poeta nomeia o Sagrado. O primeiro, ao conjecturar o que ainda lhe é estranho, vive o drama do “esquecimento” do Ser, ao passo que o vate anuncia aquilo que lhe é familiar, precisamente porque é capaz de superar o abismo estabelecido pela fuga dos deuses e reingressar na “terra natal”.

Definição é preceito que pode convir a uma filosofia que se ensina; não, todavia, a um filosofar que se aprende⁸, adverte Eudoro de Sousa logo no início de “Arte e escatologia”.

E de fato, o pensamento e a linguagem da reflexão eudoriana é de uma “antifilosofia” que, apoiando-se na clarividência do **racional** ou de um “trans-racional, converge para uma “metafilosofia”.

A clarividência do **racional** a que se refere Eudoro de Sousa é daquela **razão** (e sua conseqüente racionalidade) que, partindo do pensamento conceptualmente discursivo, na acepção mais estrita de mediação (*ratio*), chega até a capacidade mais elevada de percepção imediata (*intellectus*), articulando-se ambos os elementos **racionais** na

unidade cognitiva que institui o ser humano como *animal rationale*.

E é esta **razão**, aquela que deveras poderá compreender ou vislumbrar o mito, racionalidade ou inteligibilidade que se liga ao dizer poético e à linguagem estética e cujo dizer não é explicativo mas simbólico: “trans-racional”, como assevera Eudoro de Sousa⁹.

Entrementes, lembremo-nos que o arcahouço simbólico da linguagem como um fator *a priori* da organização da experiência e, assim, de interpretação do real, quer na filosofia (conceptual), quer na poesia (imaginária), é um procedimento que nos permite discorrer sobre as relações de identidade e diferença do estatuto conjetural do conhecimento analítico da filosofia (*cogitatio*) e do aspecto plasmador da poesia (*aisthetón*).

Isto posto, constituindo um procedimento interpretativo ou hermenêutico, a linguagem se apresenta como mediação dialógica entre a indagação intelectual da “verdade” pela filosofia e, pela poesia, como o experimento imaginário do “possível”.

A linguagem induz, portanto, a investigação do embate travado entre os dois campos do pensar, num processo com vistas ao delineamento da simultânea proximidade e distanciamento que nos permita conduzir à reflexão sobre a “antifilosofia” ou à “metafilosofia” de Eudoro de Sousa, no horizonte da “mesmidade” poético-filosófica, que compreendemos como um paradoxo de ambigüidade, mas também de complementariedade.

Esta atitude “trans-racional” do pensar de Eudoro de Sousa, é expressão de um *lógos* que, enquanto interpretação e compreensão simbólica da realidade, se verifica pela relação e pela analogia, expressão que corresponde à linguagem poética.

A linguagem ou o significado do dizer poético estão ligados ao universo mítico e à linguagem estética, e a sua condizente expressão não é explicativa, mas compreensiva, “reintegradora” ou simbólica.

Ademais, o dizer do mito não é alegórico, mas tautegórico. Ou seja, o mito não representa outra coisa, como uma imagem fantasiosa conseqüente de uma incapacidade e precariedade da razão, como quer a visão positivista. O mito

relata e exprime o que em verdade é; não representa as coisas ou eventos originados, apresenta, sim, as origens das próprias coisas

A reintegração simbólica se evidencia numa das temáticas mais importantes do questionamento mítico, a temática do deicídio originário ou, nas palavras de Eudoro de Sousa, da “cosmofania teocríptica”: “mistério e surgimento do mundo”.

De acordo com este mitologema, mitologema encontrado praticamente em todas as culturas originárias, é da morte ou do sacrifício de um deus que surge o mundo e o homem, o que se efetua pelo ocultamento misterioso da divindade, por uma teocriptia.

Mito e Cultura, por sua vez, se encontram associados intrinsecamente no pensamento e na obra de Eudoro de Sousa, visto que a cosmofania teocríptica, mistério e surgimento do mundo, constitui o enredo do drama ritual das origens, do mito ontofânico que, possibilitando e condicionando a vida cósmica (a existência do homem e do mundo), faz-se responsável pela instauração das epocalidades históricas e de suas respectivas representações culturais.

Quer dizer, a realidade cultural se estabelece numa dimensão portadora de forças autopropulsivas e ontológicas, de onde o espírito recolhe as formas que orientam a sua força imaginativa e criadora.

Deste modo, o homem se depara surpreendido por um mundo constituído por uma anterioridade irrecusável, por uma possibilidade última que fixa a estrutura profunda das culturas, por aquilo que Frobenius designa de *paídeuma*.

O *paídeuma*, instaurador da cultura, por outro lado, recorre às instâncias do mítico ou dos mitos que, em todos os seus aspectos e nas suas mais variadas formas, faz transparecer uma protolinguagem, uma estrutura originária, que possibilita a narrativa da vida cósmica, da existência do homem e do mundo¹⁰.

No que tange às relações entre **Mito** e **Cultura**, assim como, de um modo geral, à temática do **Mito** ou de uma **mitosofia**, constatamos um notável paralelo e comunhão de pensamento entre Eudoro de Sousa e Vicente Ferreira da Silva. O referencial básico da reflexão de ambos os pensadores situa-se na *poíesis* mitológica, em que

a existência humana passa a ter a sua realidade demarcada essencialmente pelas forças teogônicas. Mais do que com uma concepção teológica nos deparamos com uma concepção teogônica, desde que são os deuses, por intermédio do homem, as verdadeiras forças plasmadoras da Cultura e da História. Deparamos-nos com um teocentrismo onde o mito, ontofânico e numinoso, institui o homem, o mundo e as coisas, atuando as potências ou hierofanias divinas na plasmação dos fenômenos culturais e inclusive na configuração do nosso próprio ser.

Segundo Eudoro de Sousa, do Mito ontofânico são projetadas as “Fulgurações Ofuscantes”, das quais o mito do Homem, com a Cultura e a História, é um dos projetos.

As “Fulgurações” são os projetos ou os mundos manifestos pelos deuses, sendo “Ofuscantes” porque nos mundos manifestados não se alcança o Ser Manifestante.

A Cultura, no seu drama ou jogo, se identifica, por conseguinte, com o Projeto Originário que instaura todo e qualquer relacionamento homem-mundo. A Cultura triunfa sobre as culturas epocais e históricas, sendo o mais recente de todos os Projetos, ainda que não seja o único, adverte o filósofo.

Afirmando que a história não quer saber que é da essência do homem o estar sempre em trânsito descontínuo pelas metamorfoses, subverte Eudoro de Sousa o aforisma leibniziano *natura non facit saltus* para *natura facit saltus*, de onde podemos deduzir que *cultura facit saltus*. E a epocalidade histórica inaugura-se em conformidade com uma “Fulguração Ofuscante” que, ao fulgurar, diacosmiza de cada vez a seu modo.

“Fulguração Ofuscante”, denominação utilizada por Eudoro de Sousa, equivale ao “Regime de Fascinação” de Vicente Ferreira da Silva, significando ambas a delimitação em que o ente é revelado privilegiadamente pelo Ser numa respectiva epocalidade histórica, e que na nossa cultura antropocêntrica é o homem.

A “Fulguração Ofuscante”, projeto do Mito ontofânico, engendra a “cosmofania teocríptica”, reintegração simbólica que se processa, de modo “aletheizante”, pelo ocultamento misterioso da divindade e pela desocultação ou surgimento da vida cósmica, a diacosmese do homem e do mundo.

E a diacosmese, saliente-se, é uma realização mítico-poiética, em que o Mito primordial, operando como *poiesis*, na dupla acepção do produzir e da pulcritude, fundamenta e harmoniza a experiência do mundo em experiência estética.

Bem assim, a diacosmese é também onto-teo-lógica, porquanto a estrutura da realidade se determina pela interferência do Ser e dos deuses (ou de Deus), que se vinculam (ou se identificam) pelo fundamento fundante (*lógos*) que anuncia e edifica o triângulo teo-antropo-cosmogônico, como prescreve Eudoro de Sousa.

No seu ensaio “Arte e escatologia”, afirma o autor que a arte cria imitando ou imita criando e que a natureza imitada é, sem dúvida, *anatura naturans*, aquela que, consoante Espinosa, é a natureza originária e originante e que, como tal, molda a natureza originada, a *natura naturata*, composta pelos entes naturais. E acrescenta que a imitação poética e artística é-o, não dos entes originados, mas da própria origem dos entes.

Enumerando as três categorias estéticas, o belo, o mistério e símbolo, ressalta Eudoro de Sousa que a beleza estética se relaciona ao reino da excepcionalidade, ao que nos aparece como sendo mais do parece.

Que o mistério da poesia é, pois, desvelamento, revelação da originalidade, ou a verdade das coisas... Originalidade, porém, nos dois sentidos do termo, no sentido comum, em que se diz que tal coisa não tem igual ou não se assemelha a outra, e no sentido mais chegado ao étimo, em que se diz que tal coisa mostra ou revela, em si mesma, a sua própria origem ou natureza.

Quanto ao símbolo, declara que não é uma fração, mas o todo que resulta de se re-unirem as partes, - em suma, reintegração ⁽¹¹⁾

Estas considerações do autor de “Arte e escatologia” sobre o fenômeno artístico, nos remetem à ontofania mítico-poiética operada pelo Mito primordial e a sua conseqüente diacosmese que, na sua *alétheia* desvelante, funda e harmoniza a experiência do mundo em experiência estética.

Este fazer demiúrgico, em que o Mito primordial se assemelha ao *prôton poetés* ou a

divindade artífice de que fala Platão, é uma ação ou reintegração simbólica, em que o mistério da unidade primordial se manifesta na multiplicidade das diversidades emanadas.

A reintegração simbólica, que se relaciona com o mistério da unidade primordial, nos reporta à idéia de um “Deus existencial”, um Deus *in progress*, um “Deus em devir”, um Deus em ato de existir-se em si e no homem e cuja progressão é descontínua. É uma ontoantropologia, em que o homem aparece incorporado à tarefa de divinização ou deificação do Todo.

Ora, a tônica de que a morte de um deus é a vida de um mundo, o deicídio primordial que dá origem ao homem e ao mundo, liga-se à idéia do Deus *in progress*. E se é da morte do deus (ou de Deus) que surge a vida do mundo, é da vida cósmica (da existência do homem e do mundo) que poderá reaparecer o deus vivo.

O divino e o humano se metamorfoseiam, então, em vida e morte, o que faz o homem custodiar o Mistério, pois o retorno à morada originária, ao Sagrado, é o habitar do homem no próprio Mistério, o que não significa conhecê-lo, mas custodiá-lo como Mistério e assumi-lo como tal.

O habitar do homem no Mistério, a reflexão do pensamento com o Sagrado (com a sua natureza e a sua ordem), nos insere no âmbito da teologia negativa, problemática de enorme complexidade e de imensa atualidade.

A racionalização *extremis* do mundo, gerando a ocultação e o esvaziamento do sacro e do numinoso, fez com que a disposição do niilismo provocasse o completo “desencantamento do mundo” no contexto weberiano, acarretando um “positivismo” em que só o estritamente empírico passasse a ser admitido como conhecimento verdadeiro e em que todo o universo simbólico e imaginário viesse a ser desprezado ou repudiado.

Em conseqüência, o niilismo, que é um acontecimento histórico do Ocidente, leva à exclamação nietzschiana da “morte de Deus”, que significa de fato, nas pegadas da racionalização *extremis* do mundo, a desdivinização da realidade, a “fuga dos deuses”.

A “fuga dos deuses” concorre para que a presença do divino ou do numinoso não possa ser definida nem certificada, mas somente experienciada existencialmente no mais íntimo e no mais recôndito do nosso ser. E se Deus é Mistério, é algo terrível mas também fascinante: *mysterium tremendum atque fascinans*.

Se Nietzsche certifica a “morte de Deus” ou Heidegger atesta o “fim da filosofia”, é imperioso lembrar que ambos apontam para um “porvir”, que o primeiro concebeu como “niilismo ativo” e o segundo, como uma “nova abertura do Ser”: o advento de um Homem novo numa nova Era e o prelúdio para uma renovação do Tempo e da História.

A teologia negativa, junto ao “niilismo ativo” e à “nova abertura do ser”, indicaria um “pós-niilismo”, em que os fins últimos seriam fins redentores ou de libertação, instaurando uma escatologia soteriológica ou o regresso ao mistério da unidade primordial, como prenuncia Eudoro de Sousa.

Da catábase histórica chegaríamos a uma anábase meta-histórica, porquanto uma fusão do metafísico e do histórico propiciaria um meta-horizonte em que, paradoxalmente, a imanência temporal e finita da existência humana se projetaria numa transcendência, formando uma união íntima do homem com o divino.

E assim é que escatologia e soteriologia unem-se no paganismo mítico-poiético e onto-teo-lógico de Eudoro de Sousa, na aquiescência de que ‘de onde viemos’ é ‘para onde vamos’ e na expectativa de que os ‘fins últimos’ das ‘origens primeiras’ teo-antropo-cosmogônicas se destinem e se resolvam na plenitude de uma soteriologia ou numa escatologia soteriológica.

O retorno à condição da bem-aventurança originária, a *deificatio* de todas as coisas no âmago natal da *restitutio universalis*.

NOTAS

- (1) BASTOS, Fernando. **Mito e filosofia** : Eudoro de Sousa e a complementariedade do horizonte: sobre uma ontoantropologia. 2.ed. Brasília, EdUnB, 1998.
- (2) SOUSA, Eudoro de. **Dioniso em Creta e outros ensaios**. São Paulo, Duas Cidades, 1973.

- (3) SERRA, Ordep. "À margem do horizonte : um helenista e a antropologia". In : Anuário **Antropológico/77**. Rio de Janeiro, p. 189-99, 1978. (Também in: Humanidades. Brasília, n.4, v.15, p. 104-8, 1987/88).
- (4) DOMINGUES, Joaquim. **Eudoro de Sousa perante a filosofia portuguesa**. Comunicação apresentada ao **V Colóquio Tobias Barreto: Mito e Cultura**. Braga e Viana do Castelo, setembro de 1998.
- (5) HEIDEGGER, Martin. **Identidade e diferença**. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo, Duas Cidades, 1971, passim.
- (6) SOUSA, Eudoro de. **Mitologia I: mistério e surgimento do mundo**. 2. ed. Brasília, EdUnB, 1995, passim: _____. **Mitologia II: história e mito**. 2. ed. Brasília, EdUnB, 1995, passim.
- (7) HEIDEGGER, Martin. Op. cit., passim.
- (8) SOUSA, Eudoro de. "Arte e escatologia". In: *Dioniso em Creta e outros ensaios*. São Paulo, Duas Cidades, 1973, p.165
- (9) SOUSA, Eudoro de. "**Sempre o mesmo acerca do mesmo**". Brasília. EdUnB, 1978, p. 13-4.
- (10) Cf. ad hoc o estudo de CRIPPA, Adolpho. **Mito e cultura**. São Paulo, Convívio, 1975, passim.
- (11) SOUSA, Eudoro de. Loc. cit. 8. p. 170, 171, 173 e 174.